HVMANITAS

[Recensão a] Ovídio - Epístolas desde el Ponto

Autor(es): André, Carlos Ascenso

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23211>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_63_70

Accessed : 26-Apr-2023 13:04:51

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXIII
2011

apresentação escrita. Ainda assim, não pode considerar-se tempo perdido aquele que o leitor dedicar a este conjunto de trabalhos.

JORGE DESERTO

OVÍDIO, *Epístolas desde el Ponto* (introducción, versión rítmica y notas de José Quiñones Melgoza). México, Universidade Autónoma de México, 2009, 532 pp. ISBN 978-607-02-0864-5.

A poesia ovidiana do exílio tem vindo a suscitar, com alguma regularidade, a atenção dos estudiosos, em visões nem sempre coincidentes. Não falta quem a considere uma obra menor, face à poesia amorosa ou às *Metamorfoses*, ou quem entenda haver uma progressiva decadência da qualidade estética do poeta, à medida que os anos de exílio iam evoluindo, ou seja, quem afirme a menor valia das *Epistulae ex Ponto*, por comparação com os *Tristia*.

Não é um nem outro o ponto de vista de Quiñones Melgoza, nesta sua excelente edição, com uma longa introdução (128 páginas), uma tradução exigente e, por fim, um comentário igualmente extenso (172 páginas).

Sem pretender diminuir o mérito da tradução, exigente, como se disse, e onde o tradutor segue as regras da prosódia latina, ou seja, é fiel ao ritmo do texto original (prática de validade estética discutível, do ponto de vista dos objetivos de uma tradução dos clássicos, isto é, voltada para o leitor moderno, mas que, indiscutivelmente, requer um labor e uma perícia inquestionáveis), privilegiar-se-á, aqui, o estudo que a precede, de uma enorme riqueza hermenêutica e que constitui um contributo notável para o estudo da poesia do exílio ovidiano, e bem assim o comentário ao texto.

A “Advertencia” inicial coloca-nos, desde logo, perante a perspectiva do autor em relação a um dos temas dominantes nos textos do poeta exilado em Tomos: a culpa. Repare-se: “Cuando hablo de la culpa de Ovidio, debe entenderse lo que él necesariamente entendía.”

E que entendia Ovídio? Que haveria culpa, sim, mas não *crimen*. Esta distinção ocupa largas páginas da introdução. De um lado, está Ovídio, seguro e convicto da sua inocência, que afirma, sem ambiguidades, perante a sociedade do seu tempo e perante a posteridade. Do outro lado, está Augusto, autor da sentença e da lei em que assentava, a cujos olhos, inquestionavelmente, havia *crimen* e, portanto, uma certa forma de culpa,

já que as leis, por ele decretadas, haviam sido infringidas. Entre um e outro se situam os seus contemporâneos: os que pertenciam ao seu “grupo social” ou ao círculo dos seus amigos, ou seja, gente de cultura e letrada, por um lado, sensíveis, por certo, à perspectiva do poeta; e, por outro lado, o cidadão comum, para quem a desobediência à *auctoritas* do Imperador e às suas leis constituiria motivo de reprovação e, portanto, culpa. O objetivo do poeta será, assim, levar os seus amigos e a gente do seu grupo social a aderir à sua causa e, nessa medida, a um conceito de *libertas* que defende, persistentemente, ao longo de toda a sua obra.

Liberdade é, aliás, o primeiro dos temas de que trata a Introdução. É o conceito de liberdade (que opõe a lei arbitrária e injusta à lei natural) que guia os passos de Quiñones Melgoza na apreciação que faz das *Ponticae* e dos *Tristia*.

Analisa a política autoritária de Augusto, que considera lesiva dos princípios romanos, e o modo como exercia o poder, ao arrepio desses mesmos princípios. E, perante essa política, reflete sobre a atitude do “grupo social” a que pertencia o poeta, dividido entre o ideal romano e a figura do Imperador, perante cujos excessos não podia deixar de reagir com inconformismo.

É tudo isso que explica que o poeta, do início ao fim do seu exílio, se esforce por tornar evidente a sua “posição jurídica”, inspirada pelos conceitos de lei, temor, esperança, justiça e liberdade, todos eles intimamente relacionados entre si. Considera-se, de facto, o poeta respeitador das leis humanas e naturais e é isso que lhe garante a sua inocência. E essa inocência confronta-se, permanentemente, com uma espécie de terror ante a figura do Imperador, cujas leis não obedecem aos mais elementares princípios da justiça, porque avessas à natureza.

É também por isso que reafirma, com persistência, a sua liberdade ou, por outra, o direito a ela. A defesa da liberdade, em especial nas *Epistulae ex Ponto*, funda-se, em última análise, no espírito, que se manifesta através da razão, de cuja retidão devem, afinal, nascer as leis. A liberdade ovidiana, que recorrentemente reivindica, consiste na independência de pensamento. Dito por outras palavras, Ovídio coloca a sua vontade ao nível da vontade de Augusto. Faz, assim, da mente o seu instrumento de combate e, com ela, vai criando um círculo de oposição às medidas de Augusto, composto por homens que se singularizam pela atividade intelectual; ou seja, os amigos, destinatários dos seus poemas, representam uma espécie de desafio constante ao poder constituído e ao terror que impõe, sobre o qual está certo de vir a triunfar.

É neste quadro que se inscrevem as *Cartas do Ponto*. São mais do que súplica e desejo; como são mais do que uma reedição dos *Tristia* e do retrato, ali permanente, do lugar de exílio ou da adulação, regular, embora pouco sincera, a Augusto; mais do que isso, abundam em ironia azeda, em crítica dissimulada, em ataques pessoais contra o Imperador.

Esta não é, pois, uma leitura muito comum das *Epistulae ex Ponto*. Mas é, inquestionavelmente, uma leitura lúcida, acutilante, bem fundamentada e ponto de partida fecundo para novos ensaios hermenêuticos sobre uma obra ainda não suficientemente estudada. As últimas cartas do exílio de Ovídio, com efeito, justificam renovada atenção, que este estudo introdutório de Quiñones Melgoza estimula.

Um segundo capítulo dedica a sua atenção às traduções espanholas desta obra ovidiana. É uma investigação pormenorizada, de grande utilidade para o conhecimento da sua fortuna em Espanha e países de língua castelhana, bem superior àquilo que sucedeu em português.

A última parte divide-se entre as notas ao texto latino, sobre questões gramaticais, alguma crítica de fontes, pormenores de crítica textual, entre outros assuntos, e notas à tradução, bem mais desenvolvidas, umas de carácter cultural, outras de tipo literário, outras, ainda, de contextualização histórica e muitas de sentido interpretativo, todas elas riquíssimas e a formar, no seu conjunto, um precioso auxiliar para a compreensão do texto.

Quanto ao corpo central, constituído pela edição latina e tradução, revela, como no início se disse, um aturado labor no sentido da reprodução, em língua castelhana, da prosódia latina. Mantém-se o ritmo do texto ovidiano, o que, em si mesmo, representa um esforço assinalável. Trata-se, em boa verdade, de uma opção discutível, se tivermos em conta que dela resulta um texto mais artificial, menos rico do ponto de vista estético e, porventura, menos apreensível, em todos os cambiantes, pelo leitor moderno, a que se destina, não obstante possa ser tecnicamente irrepreensível. Mas é, importa dizê-lo, uma opção legítima, que tem vindo a fazer escola, ciclicamente, ao longo da história da tradução.

Em suma, pela riqueza da Introdução, pelo valor inquestionável das pistas de reflexão que suscita e bem assim pelo esforço depositado na edição e tradução, este é um trabalho que merece ser saudado.